

APRENDER
A RESISTIR: DA POÉTICA DOS DIAS A UMA
AUTOETNOGRAFIA DAS PEDAGOGIAS DO
PRESENTE

Ana Luísa Paz¹

Resumo: Em um presente discursivamente neoliberal, seria possível estabelecer as “pedagogias” como baluarte de resistência? Neste artigo autoetnográfico, procuro intersectar dois dispositivos de subjetivação diferenciados que concorrem para a formação como docente de ensino superior: as escritas autoreferenciadas e as fotografias, ambas emanadas dos arquivos pessoais e profissionais. Encontro como, apesar das boas intenções, a minha linguagem está eivada de modos de produtivismo e falas de salvação. A autoetnografia, como sistematicidade de repertórios emanados do eu e conseqüente compreensão crítica dos aspetos culturais que o formam, surge, assim, como possibilidade de devolver o sentido resistente às pedagogias.

Palavras-chave: Formação de professores; Autoetnografia; Pedagogias; Ensino superior. Pós-Crítica.

Learning to Resist: From the Poetics of the Days to an Autoethnography of the Pedagogies of the Present

Abstract: In a discursively neoliberal present, would it be possible to establish the “pedagogies” as a bulwark of resistance? In this autoethnographic article, I try to intersect two differentiated subjectivation apparatus that contribute to my development as a higher education teacher: the self-referenced writings and my photographs, both emanating from personal and professional archives. I find how, despite good intentions, my language is riddled with modes of productivism and speeches on salvation. Autoethnography, as a systematicity of repertoires emanating from the self and consequent critical understanding

¹UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail: apaz@ie.ulisboa.pt. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4848-8183>

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), IP., no âmbito da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação - UID/CED/04107/2020. Agradecimentos a Ana Rita Teixeira de Carvalho pela leitura e comentários, a Ana Augusto, Helena Mello e Vera Cordeniz pelas aprendizagens na autoetnografia e a Ana Paula Caetano pelo mergulho na poesia.

of the cultural aspects that form it, thus emerges as a possibility of returning the resistant meaning to pedagogies.

Keywords: Teacher development; Autoethnography; Pedagogies; Higher education; Post-Criticism.

INTRODUÇÃO

O presente artigo procura estabelecer uma possível autoetnografia – atenta a si, mas busca na escrita e na leitura um desvelo técnico e tentativamente desapegado – sobre o processo de desenvolvimento profissional. Mais concretamente, continua a perguntar, junto de Denice Catani e outras investigadoras (1992) *como se chega a ser professora?*

O contexto é o da universidade moderna, conformado ao “figurino [...] que se tornaria clássico em vários Estados demoliberais desde há cerca de dois séculos para cá” (Ó, 2021, p. 3). Tal como outras centenas de investigadores algo, muito ou extremamente precários, também me tornei professora essencialmente na senda de uma maior estabilidade profissional, deparando-me, em contramão, com a dificuldade de manter a atividade de investigação, por conta da sobrecarga letiva, administrativa de gestão e extensão universitária. Ofuscada por essa exigência, não me apercebi que um novo problema se havia sobreposto: procurava agora *ser professora*, mesmo que não me sentisse como tal. Para tanto, foi empreendida uma entrega às demandas pedagógicas. Com efeito, o sentido que atribuo à carreira docente reside na busca sistemática de modalidades de ensino-aprendizagem atualizadas e capazes de dar resposta à diferenciação pedagógica, formas inteiramente rarefeitas que urge explorar, para apoiar a democratização do ensino superior.

Todavia, pensar numa estratégia de investigação autoenográfica – invocativa, baseada em artes - obriga também a desconfiar do que é óbvio e do que está naturalizado, como numa história do presente (Foucault, 1984), pelo que se descobrirão aqui novas significações

para este *presente pedagógico*, amplamente capturado por discursividades que alimentam a narrativa neoliberal. Seria possível estabelecer, como sugere Camozzato (2014) as “pedagogias” – abdicando dos adjetivo-próteses – como baluarte de resistência e garante da educação? Este questionamento trouxe uma nova interrogação: a minha narrativa pedagógica não estaria, também ela, capturada por essa demanda neoliberal?

Esta autoetnografia destina-se assim a compreender dois aspectos muito específicos: *como me estou a transformar de investigadora em professora do ensino superior? Como podem as pedagogias do presente ser interrompidas e perfuradas em direção à criação de sujeitos não necessariamente submissos às lógicas neoliberais?*

O artigo inicia-se com uma discussão das pedagogias do presente, com as primeiras suspeitas sobre alinhamento das minhas práticas pedagógicas nesta direção política, ao que se segue a apresentação da metodologia de pesquisa. Identifico, depois, como na escrita autorreferenciada o problema da investigação começa a ser desvalorizado face às demandas pedagógicas, ao que se segue um capítulo sobre o modo como, efetivamente, se começa a dar a transfiguração *de investigador em professor*. Passo então em revista o meu arquivo de imagens, instaurando um sentido para a docência, a partir de uma pedagogia ativa, participativa, contra o Estado, tentativamente decolonial e alternativa. Porém, percebo que neste meu desígnio toda a discursividade acaba enredada nas mesmas lógicas de produtividade e sucesso.

Com esta pesquisa autoetnográfica encontro como, apesar das boas intenções, também a minha prática está eivada de modos de produtivismo e falas de salvação. “Está fora de causa acabar bem”, retomando as palavras de Maurice Blanchot (1984, p. 36).

EM DIREÇÃO ÀS PEDAGOGIAS DO PRESENTE

Por pedagogia entende-se aqui,

um conjunto de saberes e práticas postos em operação em diferentes espaços e artefatos culturais para produzir sujeitos. Se ela lida com saberes, que são formas (o visível e o enunciável), como destaca Deleuze (1992), então as pedagogias estão diretamente implicadas nas nossas formas de dizer e ver. As forças do tempo presente atuam, assim, sobre as forças das pessoas para lhes produzir formas que, sobretudo, tenham em evidência o mais valorizado e legitimado nessa época. Dito de outro modo, é por isso que as pedagogias se posicionam e se instalam em posições-de-sujeito. E é por isso também que elas se expandem. (CAMOZZATO, 2018, p. 100-1).

Numa crítica ao conceito de Pedagogias Culturais, Viviane Castro Camozzato defende que o termo “Pedagogias” seria capaz, por si só, de “dar conta das discussões” e “de toda a problemática sem a necessidade de acoplar o culturais” (2014, p. 565). Demonstra, aliás, como os “infundáveis usos do conceito de pedagogia” banalizaram e esvaziaram o termo, criando “pedagogias disso, daquilo e daquele outro” (p. 574). Os exemplos são recentes e bastamente conhecidos, em particular no Brasil:

Pedagogia do Amor e Pedagogia da Amizade. Bullying – o sofrimento das vítimas e dos agressores, ambos de Gabriel Chalita (Editora Gente, 2005 e 2008); *Pedagogia da Cultura Corporal Crítica*, de Marcos Garcia Neira e Mario Luiz Ferrari Nunes (Phorte Editora, 2008); *Pedagogia da Humanização*, de Nelino Azevedo de Mendonça (Paulus Editora, 2008); *Pedagogia da Adoção*, de Luiz Schettini Filho (Editora Vozes, 2009); *Pedagogia do Afeto*, de Ivone Padua (editora Wak, 2010); *Pedagogia da Transgressão – Um Caminho para o Autoconhecimento*, de Ruy Cezar do Espírito Santo (editora Ágora, 10 ed., 2011); *Pedagogia do Consumo – Família, Mídia e Educação*, de Inez Lemos (Editora Autêntica, 2007); *A Pedagogia do Sucesso*, de João Batista Araújo e Oliveira (Editora Saraiva, 16 ed., 2005); *Pedagogia da Diversidade*, de Maria Sirley Santos (Editora Memnon, 2005), entre muitos outros.” (p. 574)

Não obstante ser favorável à reivindicação de uma leitura crítica das “Pedagogias de...”, senti ao mesmo tempo abaladas as fundações das *minhas* Pedagogias de eleição. Refiro-me em concreto às Pedagogias Especulativas, em que se alinham as *Pedagogias Contra o Estado* e as *Pedagogias do Cuidar*, teorizadas pelo arte-educador Dennis Atkinson (2011, 2022, 2022). Aludo também à *Pedagogia Maneirista* de John Baldacchino (2018), que propõe a Educação Artística como método de pesquisa.

Não posso deixar de aceder às *Pedagogias Insurgentes, Insubmissas e Decoloniais* apresentadas, entre outros autores, por Catherine Walsh (2013, 2017). E como poderíamos viver sem as pedagogias críticas? A *Pedagogia do Amor* de Paulo Freire, mas também a proposta homónima de Frank Abrahams (SILVERMAN, 2022) despontam ainda nesse cardápio. Nessa biblioteca não poderia faltar a tão necessária crítica de bell hooks em favor de uma *Pedagogia da Esperança*.

De igual modo, como a mais importante herança dos séculos anteriores, ressaltam as Pedagogias Ativas. Naturalmente, inscrevo-me também nas Pedagogias Participativas (OLIVEIRA-FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2013; CAETANO; PAZ; CARVALHO; FREIRE, 2019), sem esquecer os senãos da participação (BISHOP, 2017; FERREIRA; AZEVEDO; MENEZES, 2011) entre uma miríade de outras pedagogias que me são simpáticas.

Tudo isto, sem esquecer a basilar Pedagogia do Ensino Superior (Ó, 2019), parte essencial da universidade que foi sobretudo desenvolvida através da modalidade “seminário”, “uma prática de afirmação problematizadora de todo o conhecimento, de busca da verdade sem constrangimentos ou limites de partida.” Desde a sua essência e através do tempo “a universidade afirma a justiça da heteronomia, da dúvida radical e do dissídio que nela têm origem” e nela se baseia o princípio pedagógico do ensino superior, como diferenciado de todos os outros níveis de ensino (Ó, 2021, p. 3 e 4).

O que têm em comum estas formas de pedagogia que seria capaz de enunciar como inspiradoras do meu trabalho? Todas procuram estabelecer um sistema aberto, mas de resistência profunda aos modos de ensino transmissivo e servem de baluarte para um ensino-outro. Mas urge perguntar em que medida se inscrevem na mesmíssima agenda neoliberal, sabendo que o poder tende a atrair também o seu contrário.

Desse modo, Camozzato (2014, p. 576) defende a unicidade da palavra “Pedagogias”, a qual, ao longo do seu processo histórico, sempre agregou o mesmo, ainda que tratado de modos diferentes. Concordando com a necessidade de usar no plural, para abarcar todos os sentidos, sem necessidade de qualquer prótese, procuro aqui pensar o modo com as *minhas* pedagogias podem ser também elas, alinhadas a essas Pedagogias do Presente, que foram inteiramente tomadas pelas demandas neoliberais. Disponho-me, assim, a tentar problematizar a minha prática pedagógica.

CINZELAR METODOLOGIAS

Para enfrentar as questões colocadas, optei por seguir um caminho cuja trilha já estava posta numa abordagem autoetnográfica (PAZ, 2020, 2021), diferenciando-se de outras propostas empreendidas de autobiografia (PAZ, 2023), de autoestudo (PAZ; CAETANO, 2020) e de narrativas (CAETANO; PAZ; ROCHA; MARQUES, 2020; ROCHA; CAETANO; PAZ, 2022).

O trio Ellis, Adam e Bochner apresenta liminarmente esta metodologia: “Autoethnography is an approach to research and writing that seeks to describe and systematically analyze (*graphy*) personal experience (*auto*) in order to understand cultural experience (*ethno*)² (ELLIS, 2004; HOLMAN JONES, 2005)”, (*apud* ELLIS,

²«Autoetnografia consiste numa abordagem de pesquisa e escrita que procura descrever e analisar sistematicamente (*grafia*) a experiência pessoal (*auto*) em ordem a compreender a experiência cultural (*ethno*).» (Tradução minha).

ADAM; BOCHNER, 2011). Esta forma de pesquisa dirige-se, então, à ligação entre o indivíduo e a cultura em que se insere – o mais das vezes, já totalmente naturalizada e, por isso, invisível e imprescrutável –, tendo de permeio a escrita e a investigação sistemáticas.

Um momento importante desta legitimação ocorreu quando a University of California acalentou o projeto editorial da *Journal of Authonegraphy*, lançada em 2020. Se, um pouco por todo o mundo a autoetnografia tem vindo a expandir-se, desvinculando-se, em algumas acepções, da nave-mãe *etnografia*, nos países lusófonos estamos talvez a viver o momento mais importante da sua difusão como método. Recentemente ficou demonstrado o poder da autoetnografia quando três investigadoras denunciaram os abusos decorridos num centro de investigação português (VIAENE; LARANJEIRO; TOM, 2023). Conquanto os personagens fossem apresentados de forma anónima, o caso deu origem a sanções aos acusados. A publicação deste capítulo é um dos muitos exemplos de que a edição universitária há muito que extravasa a entediante *grey literature*. A autoetnografia legitima-se, assim, academicamente como uma forma de o investigador estar-no-mundo.

Ao mesmo tempo, uma das razões para esta expansão e busca de apreensão da autoetnografia prende-se com a perspectiva de *técnica de si* (FOUCAULT, 1999) que emerge nessas pesquisas. No caso de professores que se angustiam com a tomada de postos de trabalho, encontramos vários exemplos. Gresilda Tilley-Lubbs publica o poema narrativo sobre o processo de “mental anguish and chaos that were the author’s constant companions during the year of waiting for the results of her tenure decision at a Research I university”, concluindo que “with further questions about the tenure and promotion process and the devastating effect it can produce on faculty who covet the assurance of a permanent position in a

university”³ (TILLEY-LUBBS, 2014, p. 51). Mais recentemente, Diane Sabenacio Nititham, numa posição de “non-tenure track”, “details experiences as a contingent faculty member working in different institutions”, defendendo a autoetnografia também como um método de resistência, capaz de criar “opportunities for transformational resistance in hopes to work toward a more equitable educational and working environment”⁴ (NITITHAM, 2022, p. 38).

Em definitivo, não podemos ignorar a perspectiva propriamente política desta forma de pesquisa, que se constitui como uma *técnica de si*, capaz de investir na imagem *de si para si*, mas também na *de si para os outros* (FOUCAULT, 1999). Pese embora reconheça o valor da autoetnografia na identificação de inúmeras violências que acontecem em todas as esferas, desde logo no âmbito do ensino superior, não procuro aqui empreender uma luta específica contra as eventuais injustiças e sequestros de pensamento que ocorrem diariamente. Escolho antes ventilar em que medida a minha ação pode exercer sobre mim e sobre os outros essa mesma violência, que tem como razão final a legitimidade do sistema em que habitamos.

A autoetnografia levanta problemas de validade científica (COOPER; LILYEA (2022), sempre que buscamos inserir-nos em paradigmas científicos de caráter mais explicativo ou interpretativo. No caso de uma exploração de caso tentativamente pós-crítica, estas dúvidas podem deixar de fazer sentido. Não se procura aqui

³ «...processo de “angústia mental e de caos que foram os companheiros constantes do autor durante o ano em que esperou pelos resultados sobre a sua posição numa universidade de investigação”, concluindo que “com mais questões sobre a posição e o processo de promoção e o efeito devastador que pode produzir sobre professores que cobijam a garantia de uma posição permanente numa universidade.» (Tradução minha).

⁴ «(...) numa posição “não permanente”, “detalha experiências enquanto um contingente membro do corpo docente que trabalha em diferentes instituições”, defendendo a autoetnografia também como um método de resistência, capaz de criar “oportunidades para uma resistência transformativa na esperança de trabalhar em direção a um ambiente laboral e educacional mais equitativo.”» (Tradução minha).

estabelecer qualquer generalização ou criar leis e regras explicativos, mas há uma ambição de dialogar com outros sujeitos que, dentro das suas subjetividades e ideossincrasias, vivenciem experiências semelhantes.

Dada a profusão de possibilidades, conforme Maria Helena de Mello identificou, quando nos referimos a uma autoetnografia é premente esclarecermos a que modalidade ambicionamos:

Hughes (2017) identificou mais de vinte tipos de autoetnografias. A sua doutoranda Nitasha Clark criou o acrónimo CREPES para facilitar a memorização das cinco ideias-chave que são utilizadas quando se delineia a autoetnografia: “critical reflexivity, educative experiences, privilege-penalty experiences, ethics, and supported-salient narratives” (p. 22). (Citado por MELLO, 2022, p. 107).

Neste caso, também à semelhança de Mello, opto por uma autoetnografia evocativa:

Dentro da autoetnografia é possível verificar a existência de dois grandes grupos: a autoetnografia evocativa e a autoetnografia analítica. Na primeira, a narrativa é formatada pela análise da experiência implícita (Ellis & Bchner, 2006). A autoetnografia analítica explora a experiência individual com análise teórica da referida experiência (Anderson, 2006) (citados por MELLO, 2021, p. 101).

Por sua vez, a autoetnografia combina-se com grande facilidade com outras abordagens, tais como pesquisa narrativa, autobiografia, etnografia e investigação baseada em artes (COOPER; LILYEA, 2022). Neste caso, acedemos a alguns registos de narrativa e de autobiografia, mas natureza poética dos registos condiciona uma aproximação à investigação baseada em arte.

Definida a abordagem metodológica, importa esclarecer a forma de recolha de dados. Tal como preconizam Cooper e Lilyea (2022), o autoetnógrafo pode (i) “conduct self-observations and take ethnographic field notes and jottings on your own observations”, (ii) “develop self-reflective data, in which you journal your reflections about your experience and perceptions related to the topic”, (iii), “have access to external data, such as photographs, letters, diaries, reports, and other documents or artifacts that are pertinent to your study”, (iv) “chronologically list major events or experiences from your life that pertain to your research topic”, “draw heavily upon personal memory data”, (v) “consider how family rituals, proverbs (those endlessly repeated family sayings), or other significant inputs during your formative years may have informed your view of the topic”, ou (vi) “draw upon ethnographic methods by making use of field notes to capture not only observations, but also asides, commentaries, and in-process memos⁵ (Emerson, Fretz, & Shaw, 2011)” (COOPER; LILYEA, 2022, p. 199-220).

Desde o início das experiências docentes em 2016, venho seguindo as indicações da Escola Moderna e em particular de Sérgio Nizza (2012), que recomendou a manutenção de um caderno de notas. Tendo em conta o recorte dessa investigação, cinjo-me ao último e ainda presente ano letivo, que em Portugal vai de setembro de 2022 a junho de 2023. Deste modo, utilizo como fontes os meus

⁵ «conduzir auto-observações e tirar notas de campo etnográficas e anotações sobre as suas próprias observações”, (ii) “desenvolver dados autorreflexivos, em que regista as observações sobre a experiência e perceções relacionadas com o tópico”, (iii), “ter acesso a dados externos, tais como fotografias, cartas, diários, relatórios, e outros documentos ou artefactos que são pertinentes para o estudo”, (iv) “listar cronologicamente os grandes acontecimentos ou experiências de vida que dizem respeito ao tópico de investigação”, “assentar fortemente em dados de memória pessoal”, (v) “considerar como rituais de família, provérbios (aqueles intermináveis dizeres e provérbios familiares infinitamente repetidos), ou outras modalidades significativas durante os anos de formação que podem ter informado a sua visão sobre o tópico”, ou (vi) “recorrer a métodos etnográficos ao fazer uso de notas de campo para capturar não apenas observações, mas também lateralmente comentários e memorandos no decorrer no processo.» (Tradução minha).

cadernos de campo, os diários (pessoais e profissionais) e todo o material produzido durante as aulas: cadernos, notas de aulas, fotos, desenhos. Os modos de escrever são muito variados, vão desde o simples rascunho, rabisco, até textos densos ou carregados de detalhes sobre acontecimentos que marcam, perturbam, angustiam ou irritam. Ter também permanecido com estes registos um pouco por todos os cantos, na mala, na secretária, na mesinha de cabeceira, implica também uma familiaridade com a escrita, que depois se retira, quando os cadernos são guardados ou quando as fotos são descarregadas. Voltar a eles implica

[...] *encountering something that comes to you from the outside, as something strange over which you do not have much control or choice, but which, if you decide to stay with, you may develop a relationship with* (BIESTA, 2014, p. 239)

Olhar para os meus registos – alguns tomados em consciência plena de que em algum momento poderiam ser resgatados para uma escrita autobiográfica, autoetnográfica ou de autoestudo – é uma atividade, mais do que egocêntrica, de descoberta de uma pessoa, afinal, desconhecida. Neste sentido, a escrita e a fotografia devem ser entendidos não apenas como linguagens ou modalidades de comunicação, mas antes como dispositivos, portanto, como elementos que detêm o poder de moldar gestos, ações e condutas opiniões e de seccionar entre o que é e o que não é (AGAMBEN, 2009, p. 40). Percebo-me, na inscrição dos dispositivos da escrita e também das fotografias uma espectadora – nada emancipada! Ler os escritos permite ir como que olhando para um palco os diferentes movimentos, onde me distingo como uma mera figurante de uma dramatização maior.

O processo de aprendizado de *ser professor* é constantemente partilhado e atravessado por múltiplas forças, mas opto neste texto por me cingir às *minhas experiências* e às *minhas fontes*, abdicando de um rico manancial de produção conjunta que está inserida em pesquisas colaborativas e participativas. Embora não seja plausível

imaginar que a subjetivação possa acontecer sem os outros, esse aspecto relacional não cabe no escopo desse trabalho. Abro mão, igualmente, de inúmeros testemunhos deixados por alunos nos últimos anos, quer por não ser possível localizar e obter a autorização de todos, quer porque nos últimos três anos recolhi dados no âmbito de pesquisas coletivas, que têm o seu tempo e a sua agenda. Não porque não me interesse o que pensam, sentem e aprendem os estudantes ou os colegas, mas aqui estou centrada no *meu processo*.

CARACTERIZAÇÃO DO ‘CASO’: A LENTA TRANSFIGURAÇÃO DOCENTE

A várias mãos
Prefiro os livros
Usados, onde nas páginas
Diversos olhos passaram. Partituras
Lidas por intérpretes múltiplos,
Nos sentidos e nos enredos. Trazem mais
uma história por contar: por onde
viajaram, de folhas vincadas, frases
eleitas, datas, dedicatórias? Ou
onde fizeram, por abrir? (LOURENÇO, 2021, p. 37)

Algumas palavras serão necessárias antes de avançarmos na decomposição do *problema* com que a vida me traz a este texto, numa demanda autoetnográfica evocativa. Tal como anteriormente (PAZ, 2020, 2021, 2023) o meu ‘caso’ de estudo configura um entre muitos exemplos de investigador que se torna professor de ensino superior, sem qualquer preparação pedagógica.

O trabalho docente de modo contratual iniciou-se no ano de 2016 e, com uma vinculação exclusiva, no segundo semestre de 2019. Entrei rapidamente em longos períodos em aulas remotas devido à pandemia de Covid-19. Monotorizar o processo de ensino-aprendizagem foi, neste contexto pandémico e de início de carreira, um duplo desafio, para o qual anos de investigação pouco me tinham preparado.

Nos primeiros quatro anos repeti, mesmo que com variações, o lamento de não me perceber como professora e de continuamente fracassar na incorporação do *habitus* docente (SILVA, 2005). É certo que tive amplo acesso a várias formações especializadas, entre as quais uma pós-graduação em Pedagogia de Ensino Superior, e o apoio institucional e colegial. Todas estas medidas de suporte à indução profissional não afrontam, todavia, o grande fantasma do sábio-aprendiz (VALLERA; PAZ, 2014) quando confrontado com o problema intrínseco da universidade moderna, a qual demanda a incorporação de duas vidas contraditórias, a de investigador e a de professor, numa só. O investigador estará sempre do lado da escrita, em desvantagem para com o professor, senhor da fala (Ó, 2019). Tenho procurado, noutros registos, pensar na minha constituição como investigadora em educação artística (PAZ; CAETANO, 2020; CAETANO; PAZ, 2022), assunto que por ora deixo em suspenso – mesmo sabendo que estas duas faces de Janus vivem interligadas na mesma pessoa – e busco agora, centrada nos processos de desenvolvimento profissional, perceber o processo de transfiguração *em professora*.

Regressar ao arquivo traz logo a surpresa de a primeira mutação ser de veraneante em investigadora. A primeira imagem que fica é a da volta ao tempo da escola, subtraíndo o tempo de lazer pela rotina.

Manhãs ainda escuras, a acordar.
Manhãs do tempo, do vento,
de procurar lugar.
A mala cheia, demasiado cheia.
a cruz, o caderno
dois livros
É preciso água, cerveja.
Bonomia.
Não esqueças as chaves,
as de casa,
as do escritório
do carro, para alguém levar
Porções de tempo.
Mais outra mala,

de barbatanas,
dias, cuecas, touca
chinelos, garrafa d'água,
O caderno. A vida. O mar
que ficou para trás. (caderno de bolso, 06-09-2022)

Normalizado o quotidiano, começa a luta com o desafio da escrita, que será o *topos* das notas de campo. Sempre estou preocupada com um artigo, um capítulo, um modo de escrever. De facto, 'prefiro os livros'. E contra a imagem idealizada que estabeleço de mim mesma, também esse regresso à rotina desencantada da escrita proporciona muitos desafios.

Vamos
 não pode custar
 tanto

O dia
 a tarde
 a noite

Escrever em *coda*
 Desentrelaçar
Dia após dia
 Todos os dias (caderno de bolso, s.d., setembro de
2022)

Com efeito, a escrita traz muitos desafios. Não é apenas porque ainda tenho tempo que os textos se escrevem facilmente. Parece até que o corpo a corpo, quando os dias são inteiros para a escrita, compromete ainda mais esse desejo.

tenho as canetas
 o papel
 a dor
olho a janela
 de frente
 e o amor
mas sempre me falha
 o traço
 a visão
 o golpe. (diário, 25-10-2022)



Porém, assim que se iniciam as aulas – em outubro – as lamentações sobre a escrita desaparecem. Começa a idealização da poesia, a propósito de tudo e de nada. A escolha desse gênero é já esclarecedor da rota de *fuga*, porque tampouco é essa a modalidade habitual das minhas publicações. Pequenas irritações, como as *Massive Open Online Courses* acabam crucificadas na escrita, que serve de combate e resistência.

sempre que se fala de mooc
é tempo de poema (diário, 9-11-2022)

À medida que os dias avançam, entre reuniões, aulas, eventos, a vida acadêmica plena, já só raramente se tenta a fuga alada da poesia. A meio do semestre, despontam textos lamurientos que apontam atrasos nos transportes, a hora tardia de regresso a casa, os problemas do dia a dia. Mas há ainda pequenos momentos de intimidade, a sós com o pensamento inútil.

Bar do Instituto
Venho aqui beber os dias
Medir os cansaços
- Horizontalmente fechada
A vida que me atravessa (caderno de bolso, s.d, dezembro 2022)

Retoma-se uma fala cada vez mais aflita, buscando voltar aos (falsos) idílios da escrita e da leitura, perante a vida desencantada de lecionar. Mas é também nesse íterim que se dá o primeiro milagre da transfiguração. Já não apareço mais como a investigadora, mas como *uma das professoras*.

Recomeçamos hoje a 2.^a parte do 1.^o semestre, depois de um interregno de um mês e uma semana, porque trocámos de modo a termos hoje 4 horas seguidas. Ninguém senão *nós* compreende esta selvajaria horária, em que a rotina quase chega a existir, mas logo depois se desfaz. Não é possível antecipar o 2.^o semestre, mas vou tentar manter-me firme. (caderno profissional, 20-01-2023; sublinhados meus).



E é a partir daqui que começo a reconhecer um novo movimento no processo de desenvolvimento docente. Seguidamente, procuro analisar separadamente dois dispositivos, os registos escritos e os fotográficos. Desde esta assumpção do eu-docente, importa problematizar as *pedagogias do presente* a que me vou filiando de modo encantado.

ESCRITAS AFLITAS, ESCRITAS À PROCURA DA ALMA DAS COISAS

No último dia de aulas na licenciatura/graduação, fiz o que me pareceu então um estranho apontamento:

1 de junho de 2023, quinta-feira

Ontem foi a última aula de Educação e Dinâmicas Artísticas, havia menos gente – muitos foram voluntários na Feira Educativa e havia greve nos comboios, etc.

Entretanto, mesmo assim, e com trabalhos para apresentar a seguir, muitos ficaram e ficaram, na verdade, até ao fim [...].

A questão é: eu também fiquei com pena [...]. Ora, eu com pena. E começo a pensar que segunda-feira volto à minha vidinha. Com os alunos de doutoramento, os artigos, os livros, as networks, etc., etc. E aí, sim, percebo que estava prestes a perder contacto com qualquer coisa de muito importante. Mesmo que agora tudo esteja muito mau e as notas sejam péssimas. Aconteceu alguma coisa.

Gosto dessa ideia: de estar perto da fonte da vida. (caderno de viagem)

Não se tratava apenas de uma nostalgia dessa ou daquela turma, deste ou daquele aluno, das atividades, mas, por muito que me custasse reconhecer, do meu estar-a-ser professora. Efetivamente, aconteceu ‘alguma coisa no meu coração’ – como na música de Caetano Veloso e Gilberto Gil – embora há muitos carnavais não cruzasse a Ipiranga com a Avenida São João. No dia aziago, lá estava como predito:

6 de junho de 2023, segunda-feira

[...] a cabeça foi como que sugada. Como é que posso fazer tudo isto? Já sei que a semana não vai ser fácil, não pode ser fácil. [...]

Here we go, 'tristesse'. Ligeiramente esgotada, tive de dormir sentada, por conta dos batimentos cardíacos exagerados. Tempestade à vista, mas eu só sinto o meu fracasso. Se fizer as contas o que é que me falta fazer? Basicamente, tudo.

O que é que me falta fazer para uma autoetnografia? Para um tempo e para um espaço? Não sei bem.

Apenas o fracasso me habita hoje a pele. E dela não há mais por onde buscar. (caderno de bolso)

Então, essa 'alegria breve' – como nos versos de Ruy Belo –, essa que aconteceu no momento da despedida, não se poderia repetir mais. E, todavia, 'porque o instante existe', ele efetivamente aconteceu, como canta Cecília Meireles.

O que poderia ter acontecido? Certamente não foi capturado pela escrita, que somente acolhia queixas de cansaço, incapacidade de levar a cabo todas as tarefas, falta de tempo, etc. Durante dias, meses, anos, foram variações do mesmo mote de um desconforto, quase desperdício dos dias:

27 de janeiro de 2023

Já não sei escrever, eis para onde a docência me levou. (caderno de bolso)

3 de fevereiro

I'm such a fiasco.

And then again this is what the apparatus does to us. This permanent feeling of failure that is sensed everyday, sometimes just for a couple of minutes, other times sensed all day long.

(caderno de bolso)

22 de fevereiro – quarta-feira de cinzas, "fim das férias"

Amanhã começo o meu 'calvário escolar' - o conceito é de Teixeira de Pascoaes. [...] São 16 semanas e dois dias. *You can do it, take it easy.* (diário)

23 de fevereiro

Observando o dia na manhã clara. Inicia-se o meu calvário escolar. (caderno de bolso)

27 de fevereiro – segunda-feira, 11.35 p.m.

Aparece qualquer coisa nesta tempestade. Preciso do tempo, de mais tempo. Sei que não aguento outro ano assim. Não é por mais nada, é mesmo por falta de resistência física. (diário)

Março despede-se sem que tenha valido a pena toda esta luz.
(caderno de campo, s.d, 2023)

7 de março

Cansaço absurdo. A partir da semana que vem, falar menos. Descansar a voz, não me estafar. (caderno de bolso)

Faltam 87 dias. O apego ao que quer que seja não é mais permitido e toda a minha vida gira ao redor das aulas. (diário)

4 de abril

Faltam 58 dias, mas por agora para o intervalo das férias é apenas necessário sofrer o dia de hoje. (caderno de bolso)

16 de abril

Pronto, já só faltam 46 dias. Mas a vida também se esgota assim. (caderno de bolso)

5 de junho – segunda-feira – 1.º dia de liberdade

Faço mentalmente planos para organizar as múltiplas tarefas e reclamações. Mas acabo por não fazer nada, os olhos estão turvos. Vai ser preciso ultrapassar este primeiro embate.

Só aparecem coisas e mais coisas para fazer. (diário)

Por aí em diante, mais para trás e mais para a frente, sempre os invariáveis lamentos de desconforto absoluto. Todavia, é durante a recolha para esta pesquisa que me vou dando conta de notas que vão tirando a professora desse pântano de dias contados quase ao segundo.

27 de janeiro de 2023

Notas sobre o seminário de Leitura do Professor Jorge Ramos do Ó, Conversa Infinita de Maurice Blanchot

- Eis o melhor que o seminário me traz, a vontade de sentar e escrever as minhas notas no comboio, ainda com a provocação acesa.

O risco. Não arrisco muito. Não cumpro o meu desígnio. Não escrevo, não penso. Não arrisco. [...]

E é preciso *um dia de escrita, perceber o quanto* me afastei do *centro da escrita*. [...] Há tanto tempo que procuro a pergunta essencial, mas ela não vem. Qual seria a pergunta? Por mais pobre que seja.

Como é que nos tornamos o que somos? – como com Nietzsche. (caderno de bolso)

Talvez esta seja uma pergunta. Ou talvez já nem tenha sequer perguntas.

Tempo para mim, tempo para a minha pergunta. (caderno de bolso)

12 de março – domingo

Sim, reconheço que há uma certa excitação por voltar à escola. Nada é dado por adquirido. [...] Talvez eu consiga, talvez eu não consiga. (diário)

14 de abril – sexta-feira – Yeah!

Agora as responsabilidades, e nem são tantas assim. Permitimo-nos suspender o tempo. Mais do que o vazio, menos que a dor. (caderno de bolso)

14 de maio de 2023, domingo

Começar de novo o dia com os alunos, nos esqueletos das suas escritas. Resta-me o domingo para ver trabalhos e os trabalhos são o meu domingo. Se ao menos uma revelação acontecesse. Uma risada, um mundo melhor. Marcar trabalhos é não perder a esperança. (diário)

17 de maio de 2023 – quarta-feira

Como é possível um semestre ser uma experiência poética? Comecei o ano letivo inspirada. Todos os dias escrevia ou pensava em poesia. Um estar-no-mundo em estado de graça. Isso foi-se perdendo pela voragem dos dias. Aulas, planificação de aulas, reuniões de aulas, ir e vir das aulas, preparar as aulas aulas aulas. Não aguento mais só de pensar.

Hoje, neste estresse, permiti a interferência de pensar sobre a vida, conversar, sair mais cedo, pensar no vazio. É nesta vida inútil que me encontro, de olhos abertos para a poesia.

É isto, apenas isto, deixar-me afetar. (caderno profissional)

21 de maio – domingo, 7.15 a.m.

Todas estas vidas. E passar um fim de semana dentro da voz dos outros, cheios de dúvidas e medos. Ao mesmo

tempo, é viver mais perto da *margem da alegria* e da eternidade do tempo. Sentir de novo a força a juventude. (diário)

Como qualquer outro sujeito moderno, vou progredindo na conscientização do modo como tudo funciona, e com isso mais me torno responsável por todos os ínfimos acontecimentos. Como identificam Jaqueline Marafon Pinheiro e Betina Schuler (2023), o próprio professor de ensino superior contrai como que uma dívida, que acaba por redundar no adoecimento – também esse estado acontece, nessa narrativa, por ação do próprio sujeito. Nas minhas notas mais íntimas, nos meus suspiros mais profundos, alinho-me, a esta lógica de desespero, que não consegue soltar-se das amarras desse um dever forte mas diáfano, que nos toma por inteiro todos os dias. Os registos poéticos aparecem com uma dupla asserção, pois tanto são uma tábua de salvação do abismo dos dias, como reificam também as modalidades do poder. Essa ficou como a grande conclusão, redigida já durante a elaboração deste artigo:

E agora a escrita, apenas a escrita
 Sim, os alunos a reclamar
 Os dias a passar
 Mas a exigência da escrita
 Por onde poderei perfurar
 As pedagogias do presente?

Autoetnografia
 Sobre o tornar-se
 Mas a partir de que ponto...?
 Da escrita?
 Do estar?

Ao mesmo tempo
 - talvez isto – a aprendizagem
 Desta resistência.
 Onde eu possa ser inteira. (caderno profissional, s.d.
 junho de 2023)

FORMAS PREDATÓRIAS: FOTOGRAFIA E OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DE PRODUTIVIDADE

Figuras

[...]

Toda a imagem
que está dentro de palavras é hoje
um desuso como a tabuada de cor
ou o cognome acrónimo dos reis
de quatro dinastias, não interessam
a nenhum país, senão ao próprio. Mas também
não aprendem para que serve um
Parlamento. Ou por que motivo
Pablo pintou *Guernica*. (LOURENÇO, 2021, p. 97)

A escolha de mais um poema de Inês Lourenço não é nem inusitada nem inocente, ela confirma a desconfiança perante a fotografia digital e a sociedade da cultura visual, que nada faz sem tirar uma foto ou várias. Como professora, evito o momento das fotos ao PowerPoint, disponibilizando de imediato ou assim que possível todos os materiais. Fotografar as aulas é então uma forma de participar num modo de estar na vida de que desconfio à partida. Mas reconheço o meu princípio positivista subjacente a este ato.

Como refere Susan Sontag – talvez a mais importante teórica da fotografia - no ensaio de 1977 *On photography / Ensaios sobre fotografia*,

As fotografias fornecem provas. Qualquer coisa de que se ouve falar mas de que nunca se duvida parece ficar provada graças a uma fotografia. Numa das variantes da sua utilidade, o registo de uma câmara incrimina. [...] Numa outra versão da sua utilidade, o registo de uma câmara justifica. Uma fotografia passa por ser uma prova incontroversa de que uma determinada coisa aconteceu. Por mais distorcida que a imagem se apresentem há sempre a presunção de que algo existe ou existiu, algo que é semelhante ao que vemos na imagem. (SONTAG, 2020, p. 14).

Mesmo se considerarmos alguma falta de atualidade - pois aqui Sontag não pondera as *fake news*, a divulgação indevida de imagens pelas redes sociais e nem a fabricação de imagens mediante software avançado e inteligência artificial -, o essencial do meu gesto já ficou em grande plano: a criação de *prova*. E essa prova não é sistemática e inclusiva, ela antes se destina à convocação de um certo sentido de sucesso. Como indica Thomas S. Pokewitz (2020), a prática pedagógica bem intencionada tem, o mais das vezes, o condão de reinscrever as práticas de abjeção e de exclusão, onde se pretendia garantir a inclusão.

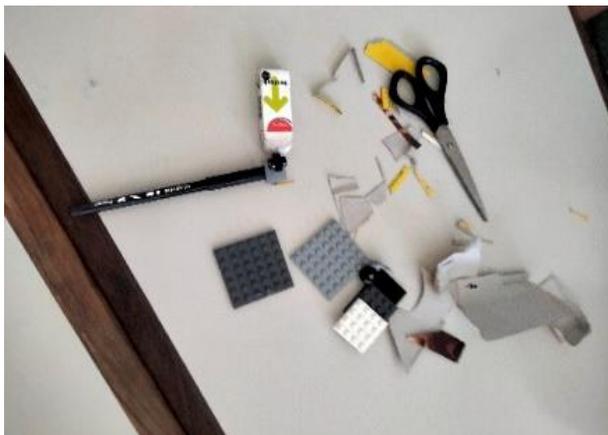
Sou forçada a reconhecer essa primeira *falta*. O arquivo de imagem aparece de vez em quando como uma preocupação, que me levou, por vezes, a sair da sala em busca do *smartphone*. Junta-se então uma segunda *falta*. “O fotógrafo saqueia e preserva, denuncia e consagra simultaneamente” (SONTAG, 2020, p. 96). Em nenhum momento procurei preservar os estudantes do caráter predatório da fotografia, tendo eu mesma colaborado desse labor, nos últimos anos. Seria possível suspender hoje o ato de fotografar? Julgo que não é de instaurar um tabu que se trata, mas antes de compreender o gesto intrinsecamente político de fotografar. Porque retrato? Preciso de provas, que têm ainda o condão de “duplicar o mundo”, mas sobre uma presença que se faz ausência, da qual nos apoderamos (SONTAG, 2020, p. 12 e 14).

A primeira impressão ao visitar o arquivo é a da representatividade. Neste quatro anos, até maio de 2022, só uma aula ao ar livre foi amplamente fotografada e videografada. Todas as outras fotos se situam essencialmente no foro privado. Quando são de âmbito profissional, as imagens reportam-se invariavelmente eventos ou viagens de trabalho. A partir dessa data, e sobretudo neste último semestre de fevereiro a junho de 2023, existem fotos de quase todas as unidades curriculares, mesmo que os alunos não apareçam. A voracidade foi então em crescendo.

Face a todos os desafios éticos, procuro que os alunos não apareçam nas fotos ou não sejam reconhecíveis. Nas sessões de doutoramento, em que existe uma maior proximidade com os estudantes, as fotos são já quase sempre frontais. Mas o número de fotos da disposição das aulas, dos grupos de alunos (mesmo que quase sempre de costas voltadas), da apresentação de trabalhos é muito mais extensa do que antes. Houve até duas aulas em que, não podendo tirar as fotos, atribuí essa incumbência. Em qualquer dos casos, o princípio ético sobrepõe-se ao desejo de fazer a “minha fotografia”, essa que sem dúvida tentaria enunciar, de modo mordaz e contundente; nessa imagem que nunca aparece, vejo a ironia da vida e, de modo poético e sofrido, a beleza da imperfeição. Mas porque, como docentes, temos noção que o “conteúdo ético das fotografias é frágil” (SONTAG, 2020, p. 29), forço o enquadramento para a ausência de elementos de identificação e suprimo qualquer imagética da ironia.

No presente ano letivo, pela primeira vez, em todas as unidades curriculares houve pelo menos uma fotografia, embora seja sem dúvida sessões mais voltadas para a Educação Artística que a necessidade de retratar foi mais premente. Falamos de centenas de imagens, em que acabo por preferir os despojos dos estudantes, o que deixam, para o arquivo da sua presença (Figura 1)

Figura 1 – Materiais abandonados após uma atividade. Descrição: uma tesoura, legos, recortes de papel, borracha e outros despojos.



Fonte: Própria.

O facto de uma das unidades curriculares de graduação ter a presença de uma doutoranda em Educação Artística (nome) permitiu que as atividades fossem sempre muito diversificadas. Nesse sentido, a aula poderia decorrer tanto dentro da sala, como no museu ou no seu parque de estacionamento. Destaco uma *selfie* (Figura 2), em que a professora se retrata saindo da sala de aula MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia e vai corrida em direção a uma palestra, tudo isso bem longe da Universidade de Lisboa:

Figura 2 – Saindo da aula. Descrição: calçada portuguesa no passeio de Belém em Lisboa, sombra, sapatos



Fonte: Própria.

Dou-me conta, nessa revisitação, que a partir do momento em que eu e a colaboradora doutoranda Ana Rita Teixeira de Carvalho partilhámos com a turma uma folha de escrita aberta a todos (GoogleDocs), me preocupei em recolher imagens para incluir nessa narrativa coletiva, mesmo que depois acabasse por não o fazer. Por exemplo, certo dia, foi necessário deitar fora alguns materiais orgânicos usados numa atividade. Dei por mim, mesmo apressada, a procurar o melhor lugar e, de seguida, a fotografar, pensando também no que poderia escrever atrelado a essa foto (Figura 3)

Figura 3 – Reciclagem de materiais. Descrição: gramado, plantas secas e três troncos cortados.



Fonte: própria.

Nesta sequência, destaco ainda um acontecimento inusitado para a esfera acadêmica portuguesa. Tivemos, durante esse ano letivo, uma greve climática, com vários incidentes de ocupações, manifestações, portas trancadas e intervenção policial, em alguns casos para garantir a integridade dos próprios estudantes. Momentos de grande tensão e emoção foram vividos à revelia de planificações de professores e de projetos dos estudantes, que, na sua maioria se mantiveram avessos até ao final destas manifestações.

Esses incidentes foram decorrendo, de modo esporso, pelas diferentes faculdades do país. Nas nossas escolas, duas estudantes entraram em greve de necessidades básicas, perdendo ao fim de dois dias as forças para se libertarem sozinhas e este incidente abriu a possibilidade (desperdiçada) de um imenso debate. Após algumas conversas com os manifestantes, pensei que também eles tinham introduzido quase aulas ao ar livre, mas a maioria dos estudantes não aprovou nem apoiou as formas de luta destes estudantes mais

radicais e o assunto acabou por se esvanecer. Só que, enquanto tudo acontecia, indo a caminho das aulas, deparo-me com o que, no momento, me pareceu uma instalação duchampiana que dava razão à greve climática que decorria a escassos metros, num acampamento bem por detrás dos contentores do lixo (Figura 4).

Figura 4 – Instalação sobre a urgência de ação climática, na manhã clara? Descrição: três contentores de lixo abertos, com lixo das faculdades no exterior, onde se contam várias portas, cadeiras destruídas, um bidê, madeiras e sacos de plástico soltos no passeio.



Fonte: Própria.

Se, como indica Sontag, “a maior parte das pessoas que tiram fotografias se limitem a reproduzir noções de beleza aceites”, e só “os profissionais com ambições” pensem habitualmente “que estão a desafiá-los”, talvez me aproxime aqui mais da segunda posição. A falta de ambição artística, devidamente escudada na referência à obra *ready made* de Marcel Duchamp, não esconde um desejo de criar um arquivo estético do quotidiano. E não de uma arte pela arte, mas de uma autoreferenciação constante ao trabalho letivo e à agenda que as aulas vão trazendo.

Ao mesmo tempo que estas fotos manifestam a difícil tarefa de cumprir a relação pedagógica, instauro na narrativa um devir-solução, uma pacificação, que é ao mesmo tempo a construção de um saber-poder específico do professor (CAMOZZATO, 2018), inclusive esse saber-fazer inteiramente relacional. Como augurara Blanchot, sempre estive fora de hipótese poder acabar bem,.

NOTAS CONCLUSIVAS: DAS BOAS INTENÇÕES ÀS INEVITÁVEIS PRÁTICAS NEOLIBERAIS

Fomos observando como, ao longo de um simples ano letivo, uma sistematização de registos com cariz autoenográfico envida um olhar renovado sobre a vivência, trazendo novidade até mesmo para o sujeito, que é também o investigador. Ficou perfeitamente identificado que também as pedagogias mais alternativas e resistentes, apesar do sentido essencialmente inclusivo, podem acarinhar gestos de exclusão intrínsecos (POPKEWITZ, 2010, 2020).

Tendo em vista as duas questões colocadas, as respostas que esta autoenografia proporciona são apenas provisórias, mas instantes e instigantes para futuras concepções pedagógicas.

Como me estou a transformar de investigadora em professora do ensino superior? De modo essencialmente previsível, teimoso e sem demasiadas surpresas tendo em conta os modelos de desenvolvimento profissional, apesar da ênfase que o sujeito e suas decisões parecem ter na construção narrativa. Na verdade – pese embora a verdade inteira da dor e da alegria postas nessa transformação – a maior parte dos acontecimentos depende pouco do sujeito, e mais se enforma na experiência, no hábito e também numa certa autoridade que advém do ‘já ter vivido’ essa ou aquela implementação pedagógica.

Como podem as pedagogias do presente ser interrompidas e perfuradas em direção à criação de sujeitos não necessariamente submissos às lógicas neoliberais? Ficou demonstrado que a dupla face do encantamento artístico, poético e algo libertário não foi capaz de se emancipar por completo desse devir produtivista, que encara uma aula como algo que pode, desde logo, ser registrado, usado como prova, exibido. Conquanto dispositivos, a escrita e a fotografia podem, todavia, inscrever outros presentes para as pedagogias. Tomando estas pautas de atuação como possibilidade de devolver o sentido resistente às pedagogias, sigo em busca de formas de uma pertença crítica, que permitam interromper os sentidos já instaurados e trazer novos sentidos para o saber-fazer pedagógico.

Assim, em jeito de uma conclusão provisória, fica patente mais uma vez que mesmo que a autoetnografia – mesmo titubeante e tentativa – é uma mais valia no trabalho pedagógico. Essa forma de pesquisa permite, afinal, ver o que era tão óbvio, mas que não podia mais ser visto.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Dennis. **Art, equality and learning**. Pedagogies Against the State. Roterdão / Boston / Taipé: Sense Publishers, 2011.

ATKINSON, Dennis. Inheritance, disobedience and speculation in pedagogic practice. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, v. 43, n. 5, p. 749-765. 2022^a. DOI: 10.1080/01596306.2021.1975911

ATKINSON, Dennis. Prática, Insterstícios, Alteridade e Cuidar. **Imaginar**, n. 67, ago., p. 7-25. 2022b.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BALDACCHINO, John. **Art as Unlearning: Towards a Mannerist Pedagogy**. Londres: Routledge, 2018.

BIESTA, Gert. Freeing Teaching from Learning: Opening Up Existential Possibilities in Educational Relationships, **Studies in Philosophy and Education**, v. 34 n. 3, p. 229–243. 2014.

BISHOP, Claire. A viragem social: o mal-estar na colaboração. In: Ana PAIS (Ed.), **Performance na esfera pública**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017, p. 75-85.

BLANCHOT, M. (1984). **O livro por vir**. Lisboa: Relógio D'Água.

CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa. Como nos constituímos como investigadores em educação artística? Um self-study colaborativo poético. Painel Temático, **Congresso SPCE 2022**. Lisboa: Escola Superior de Lisboa.

CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa; CARVALHO, Carolina; FREIRE, Isabel (Eds.). **Processos participativos e artísticos em contextos de diversidade**. Lisboa: Colibri, 2019.

CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa; ROCHA, Ana Isabel; MARQUES, Clara (2020). Narrativas de investigação e formação em Educação Artística, no Ensino Superior – A escrita dialógica em devir. Educação, **Artes e Inclusão**. Santa Catarina, v. 45, p. 8-32.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 107-119, jan./abr. 2018

CATANI, Denice; Bueno, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia, Pereira de; SOUZA, M. Cecília C.C. de. História, Memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, Denice; Bueno, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia, Pereira de; SOUZA, M. Cecília C.C. de, **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1992, p. 15-47.

COOPER, Robin; LILYEA, Bruce V. I'm Interested in Autoethnography, but How Do I Do It? **The Qualitative Report**, v. 27, n. 1, artigo 14, p. 197-208. 2022. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2022.5288>.

ELLIS, Carolyn; ADAM, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. **Sozialforschung**, v. 12, n. 1, artigo 10, jan. 2011.

FERREIRA, Pedro D.; AZEVEDO, Cristina N.; MENEZES. The devolpemental of participation experiences: Beyond the rhetoric that

“Participation is always good”. *Journal of Adolescence*, v. 45, p. 599-611. 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O uso dos prazeres**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

FOUCAULT, M. Nietzsche, Genealogy, History. In P. RABINOW, **The Foucault Reader**. Nova Iorque: Pantheon, 1984, p. 76-97.

LOURENÇO, Inês. **Dois cimbalinos escaldados: Vivências portuenses**. Porto: Sexto Sentido, 2021.

MELLO, Maria Helena de. **A inovação em aula de piano**. A iteração entre os alunos e os professores. Dissertação de mestrado. 2022. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/56809>

NITITHAM, Diane Sabenacio. An Autoethnography of “Making It” in the Neoliberal Academy. *Journal of Autoethnography*, v. 3, n. 1, p. 38–56. 2022. <https://doi.org/10.1525/joae.2022.3.1.38>

NIZZA, Sérgio. **Escritos de Educação**, António Nóvoa, Francisco Marcelino e Jorge Ramos do Ó (Org.). Lisboa: Tinta-da-China, 2012.

Ó, Jorge Ramos do. **Fazer a mão: Por uma escrita inventiva na universidade**. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

Ó, Jorge Ramos do. Pedagogia do seminário universitário. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 47, e229256. 2021.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-Participação: A perspetiva educativa da Associação da Criança**. Lisboa: Porto Editora/ Fundação Aga Khan. Disponível em: <https://www.centro-olivais.com/wp-content/uploads/2019/03/Brochura-Pedagogia-em-Participa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 13 jun. 2023.

PAZ, Ana Luísa. Em busca de novas práticas de liberdade: Uma autobiografia com António Candeias. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 08, n. 23, p. 01-18, e1117. 2023.

PAZ, Ana Luísa A escrita da tese à procura da investigação sobre a vida: uma auto-etnografia dos processos de apropriação e ensino da escrita académica. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 620-652. 2021. <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v21.n2.10>

PAZ, Ana Luísa. Pode o ensino superior ser mais artístico: um estudo de caso autoetnográfico sobre escrita científica e educação artística. In: Pedro Membiela, María Isabel Cebreiros, Manuel Vidal (eds.), **Perspectivas docentes en la educación superior**. Ourense: Educación Editora, 2020, p. 501-506.

PAZ, Ana Luísa; CAETANO, Ana Paula. Arts education and writing as research and pedagogic practice: Critical perspectives in higher education or how we became the teachers yet to come. **Art, Design & Communication in Higher Education**, v. 19, n. 2, p. 185-201. 2020.

PINHEIRO, Jaqueline Marafon; SCHULER, Betina. Adoecimento docente no Ensino Superior: um modo de endividamento. **Textura – Revista de Educação e Letras**, v. 25, n. 62, p. 80-99, abr./jun. 2023.

POPKEWITZ, T.S.. Ciências da Educação, escolarização e abjeção: diferença e construção da desigualdade. **Educação e Realidade**, v. 35, n.3, p. 77-98. 2010.

POPKEWITZ, Thomas S. The paradoxes of practical research: The good intentions of inclusion that exclude and abject. **European Educational Research Journal**, v. 19, n. 4, p. 271-288. 2020.

ROCHA, Ana Isabel; CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa. Narrativas entrelaçadas no ensino superior - Como nos constituímos enquanto comunidade e produzimos colaborativamente conhecimento emancipatório sobre investigação baseada em artes?. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 6, 1-24. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12458>

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Tradução de José Afonso Furtado. Lisboa: Quetzal, 2020.

SILVERMAN, Marissa. Critical Pedagogy as a Pedagogy of “Love”. **Visions of Research in Music Education**, v. 40, Artigo 8. 2022. Disponível em: <https://opencommons.uconn.edu/vrme/vol40/iss1/8> Acesso em: 30 mai. 2023.

TILLEY-LUBBS, Gresilda A. The Inquisition/Torture of the Tenure Track, **Creative Approaches to Research**, v. 7. n.2, p. 51-70. 2014.

VALLERA, Tomás; PAZ, Ana Luísa. O sábio-aprendiz e o efêmero lugar da escrita: Para uma ética da inventividade académica. **Educação & Pesquisa**,



São Paulo, v. 40, n. 2, abr./jun., p. 483–498. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014061415>

VIAENE, Lieselotte; LARANJEIRO, Catarina; TOM, Miye Nadya. Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia. In: PRICHARD, Erin; EDWARDS, Delyth (Eds.), **Sexual Misconduct in Academia Informing an Ethics of Care in the University**. Nova Iorque: Routledge, 2023, p.208-225.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías Decoloniales: Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**, 2 Tomos. Quito, Equador: Ediciones Abya-Yala, 2013 e 2017.

Recebido em 16 de junho de 2023

Aprovado em 29 de agosto de 2023.